

Diversidade cultural: trajetória dos grupos homossexuais masculinos na cidade de São Paulo

Katiuska P. Galindo Lopes¹

Resumo: Este artigo objetiva refletir sobre a trajetória do homossexualismo masculino no Brasil, tendo em vista a formação de uma identidade homossexual com o auxílio da consagração do *Dia do Orgulho Gay* comemorado dia 28 de junho, que se caracterizou por meio de constantes lutas que se iniciaram na década de 1960, a fim de conquistar uma posição de respeito perante a sociedade. Essa pesquisa tem como fonte de dados o periódico *Veja-São Paulo*, dentre as edições selecionadas destacamos as que continham artigos sobre o homossexualismo e escolhemos a mais pertinente ao propósito da pesquisa, selecionando o artigo “A força do arco-íris” assinado pela jornalista Camila Antunes, datado em 25 de junho de 2003, o qual mostra com vários dados e relatos as dificuldades e as conquistas dos homossexuais em diversos setores sociais e econômicos em São Paulo. Com o intuito de compreender as categorias sociabilidade, liberdade, identidade, solidariedade e aceitação, presente no artigo elegido, propõe-se como referencial teórico Giddens (2006), Stoller (1993), Trevisan (2007), Foucault (1988) e (1992) e Campos e Martins (2006).

Palavras-chave: Identidade homossexual. Dia do orgulho gay. Sociabilidade. Trajetória homossexual.

Introdução

O artigo pretende refletir sobre a trajetória dos homossexuais masculinos no Brasil, com ênfase nas conquistas e derrotas sofridas por esse grupo social em busca de uma identidade, respeito e como esse grupo social está cada vez mais tomando espaço de visibilidade perante a sociedade paulistana, utilizando fontes jornalísticas para compreender de fato como se delinearam esses movimentos.

A princípio faremos um breve histórico da trajetória homossexual, destacando os fatos que tornaram visíveis a identidade homossexual no Brasil, a ponto de situar a pesquisa. Iniciando nas décadas de 1940 e 1950 com os estudos sobre o comportamento sexual de Alfred Kinsey, em seguida com a com a luta de Stonewall em 1969, definindo o início dos movimentos

¹ Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: katiuskamestrado@uol.com.br

homossexuais nos Estados Unidos e em outros países, incluindo o Brasil, que levou à consagração do *Dia do Orgulho Gay*, o qual tomaria proporções inimagináveis vistas atualmente e por fim a epidemia da AIDS, que se inicia em meados da década de 1980 e vai até 1990, de forma às vezes mais direta ou sutil, assistiu-se ao caminho de uma série de revisões, em todas as frentes, como tentativas ideológicas de proteger-se da epidemia da AIDS combatendo o “vírus” da homossexualidade. Durante esse período muitas famílias se desestruturaram ao descobrirem a condição homossexual de seus filhos, a fim de compreender como se delinearam e quais foram às conseqüências desses movimentos proporemos a análise do artigo “A força do arco-íris”, contido no periódico *Veja – São Paulo*, datado em 25 de junho de 2003.

Por meio de referencial teórico, proporemos uma discussão sobre os principais conceitos aplicados esses movimentos como, identidade homossexual, solidariedade, aceitação, sociabilidade, enfatizando a aplicabilidade desses conceitos no cotidiano dos homossexuais expostos na fonte de pesquisa. Procuramos destacar os autores mais condizentes com o tema analisado, expondo as idéias que mais esclareçam as lacunas em questão, compreendendo as lutas, as derrotas e as conquistas desse determinado grupo social. Propõem-se como referencial teórico as obras de Giddens (2006), *Sociologia*, Robert Stoller (1993) *Masculinidade e Feminilidade: apresentações do gênero*, Michael Foucault (1988) (1992) *História da Sexualidade I, a vontade de saber e Microfísica do Poder*, Trevisan (2000) *Devassos no paraíso. A homossexualidade do Brasil, da colônia à atualidade* e Campos e Martins (2006) *Polifonia do Dom*.

Trajatória Homossexual (marco teórico)

O homossexualismo sempre foi reprimido pelo fato de ferir os conceitos tradicionais da família e da sociedade, determinados pelas religiões e pela sociedade política dominadora, TREVIZAN (2007), explica que as elites brasileiras sempre se apresentavam muito defensivas e, por isso mesmo, particularmente vulnerável ao fantasma do desejo da transgressão. Tornando-se permeáveis ao pânico homofóbico na mesma proporção com que zelavam pela rigorosa execução das normas morais - “que são aspirações legítimas da família e da sociedade”². Foucault explica que a repressão é um modo fundamental de ligações entre

² Dizer do antigo cardeal-primaz do Brasil, D. Avelar Brandão Vilela. Ver TREVIZAN p. 157 (2007)

poder, saber e sexualidade, só se libera a um preço considerável, transgredindo as leis, podendo assim obter o prazer real, entretanto, deixa claro que só é possível com uma mudança nos conceitos políticos e sociais, o que ele conceitua como “mecanismo do poder”³, os homossexuais lutaram para obterem a legitimidade de suas relações, mesmo sendo determinados como violadores de conduta “normal”.

O homossexualismo em toda sua trajetória é marcado por vários momentos históricos que apontam transformações no comportamento social, de acordo com Giddens (2004), as mudanças ocorridas no século XX influenciaram de maneira considerável esses comportamentos, referenciados ao homossexualismo.

Uma das pesquisas precursoras no campo da sexualidade se iniciou nos Estados Unidos, nas décadas de 1940 e 1950 por Alfred Kinsey que realizou seu famoso estudo sobre o comportamento sexual, conseguindo histórias da vida sexual de 18.000 pessoas, um número significativo da população branca americana, algo nunca antes proposto, mesmo com todos os impedimentos das organizações religiosas, Kinsey concluiu suas pesquisas que resultaram em duas obras, *Sexual Behavior in the Human Male* (1948) e *Sexual Behavior in the Human Female* (1953). Grande parte das pessoas se surpreenderam com os resultados, os quais revelaram uma grande aversão entre as expectativas da sociedade em relação ao comportamento sexual e a verdadeira conduta. Concluiu-se que 70% dos homens já tiveram relações sexuais com prostitutas e que 84% tiveram relações sexuais antes do matrimônio, 40% dos homens esperavam que suas esposas fossem virgens, 90% já haviam se masturbado e quase 60% já praticaram alguma forma de sexualidade oral. Em relação às mulheres, 50% tiveram relações sexuais antes do matrimônio, porém a maioria com os respectivos cônjuges e 60% já se masturbaram e tiveram contato oral com genitais.

As conclusões dos estudos de Kinsey (1948) (1953) causaram choque e escândalo, não só por desafiam idéias convencionais sobre a sexualidade, mas também porque discutiam questões que eram até então tabu.

Em 1969, ocorre outro fato marcante, segundo Giddens (2004), o movimento homossexual se fortalece devido ao ocorrido em Nova York, no bar Stonewall, localizado no bairro Greenwich Village onde incidiu um episódio de violência brutal entre a polícia e a comunidade homossexual. Nove detetives à paisana entram e expulsam os fregueses que lá

³ Sobre economia dos mecanismos do poder. Ver FOUCAULT p. 11 (1988)

estavam e prendem varias pessoas. Ao se retirarem do bar, encontram uma multidão irritada. O tumulto envolve a polícia e cerca de 400 manifestantes, e só termina 45 minutos depois. Os distúrbios de Stonewall dão origem ao Gay Power (poder gay) e marcam o início do protesto público contra a discriminação de homossexuais. A data 28 de junho passa a ser "o dia do orgulho gay".

Segundo Trevizan (2007) o nascimento do movimento homossexual contemporâneo ficou denominado como a luta de Stonewall, espalhando-se por vários outros países inclusive no Brasil.

O último fato que modificou o comportamento social no século XX em relação aos homossexuais é caracterizado pela epidemia da AIDS, destacado por Trevizan (2007), que a partir da década de 1980 a aversão a AIDS atingiu seu ápice e beirou o incontrolável, até meados da década de 1990. A doença da AIDS ficou diretamente associada a “doença moral” da homossexualidade, comprometendo uma das instituições considerada mais importante, a da família e complicando a situação dos considerados “bissexuais”, heterossexuais pais de família que mantinham relações homossexuais escondidas.

De censurado, o homossexualismo tornou-se execrado e quaisquer manifestações nos rapazes de características homossexuais eram completamente reprimidas, principalmente pelos pais. Após a luta de Stonewall o movimento homossexual se fortalece, mas logo decai com a epidemia da AIDS, porém após anos de luta para desmistificar o homossexualismo, as conquistas apareceram, e com o auxilio da visibilidade proporcionada pelo *Dia do Orgulho Gay*, que se é comemorado em grande parte do mundo, os grupos homossexuais foram concretizando a identidade homossexual e conquistando um lugar de respeito e direito na sociedade, que há muito tempo se buscava, no artigo ora analisado, Camila Antunes expõe a importância dessa visibilidade para tais conquistas econômicas e sociais e mostra como parte dos heterossexuais se integrou aos movimentos homossexuais, abolindo os “guetos”, transformando o preconceito em sociabilidade.

A força que veio do gueto

Grande parte dos homossexuais freqüentavam os “guetos”, mapeados em São Paulo por TREVISAN (2007), locais de convivência desses grupos e observou que grande parte desses locais se situava no centro da cidade de forma insalubre, pois o preconceito e as normas de

boa conduta impostas pelos conservadores e principalmente pela religião, prevendo até mesmo a punição para práticas homossexuais entre homens, impediam que os homossexuais se expusessem como tal perante a sociedade paulistana. Um fator importante que implicou na rejeição desse grupo foi o fato do julgamento valorativo, como explicita TREVISAN “quando se questiona a origem de algo diferente, fica sugerida a Idéia de um desvio da normalidade”. A conduta da religião sempre foi contra ao homossexualismo, defendendo os agentes patológicos para causa de ser homossexual, baseando-se inclusive na existência de uma pré-determinação genética, ou seja, de acordo com estudiosos médicos, os homossexuais possuiriam um “cromossomo guei”, o qual legitimaria biologicamente a “vocaçãõ”⁴. Entre os próprios homossexuais existiam posições pró- vocaçãõ genética da homossexualidade. Julgando que assim ficaria definitivamente afastada a possibilidade de se condenar algo que é tendência natural e não escolha homossexual, porém, Trevisan analisa os estudos de vários cientistas, neurobiólogos, que determinaram essa teoria da “vocaçãõ” genética da homossexualidade e concluiu que “não há um consenso sequer entre os cientistas, por enquanto a proposta de determinação genética restringe-se ao campo da mera especulação.” Cabendo somente uma teoria presumível, que o homossexualismo, assim como o heterossexualismo é determinado por vários fatores, resultado de influências biológicas, psicológicas e socioculturais, sem peso maior para uma ou para outra e de acordo com as perspectivas assimiladas ao longo da obra de Foucault, podemos dizer que ninguém “nasce” homem, mas sim que todos nos tornamos homens, numa busca constante. Somente há pouco mais de dez anos a Organização Mundial de Saúde retirou o homossexualismo da Classificação Internacional de Doenças.

A busca por relacionamentos satisfatórios faz parte do instinto mais primitivo do homem que ao longo da história foi se transformando e adquirindo novas necessidades de convivência, porém, para obter novas experiências há uma necessidade de renuncia, no caso, os homossexuais em suas entrevistas no artigo analisado declararam que de alguma forma tiveram que abdicar a algo, sendo, a família, do preconceito de ser homossexual, o trabalho, ao sentimento de se considerar uma anomalia perante a sociedade, entre outras.

A exclusão desse grupo continuou intensamente até meados da década de 1960, quando se inicia os movimentos dos direitos homossexuais nos EUA, logo após no Brasil, com o intuito

⁴ Ver TREVISAN cap. 2 (2007)

de reivindicar os mesmos direitos de liberdade dos heterossexuais considerados padrões do comportamento social.

Esse movimento juntamente com os movimentos feministas e dos negros, se tornaram muito mais impactante do que o esperado, pois o número de homens que eram considerados heterossexuais e se assumiram foi muito maior do que se imaginavam, porém mesmo com toda essa visibilidade vários fatores impediam que a luta homossexual progredisse, uma delas a epidemia da AIDS.

Assumir a condição homossexual sempre foi um problema para muitos, como descrevem no artigo analisado, explicação para a frequência alta dos redutos homossexuais, sendo um local onde existe a oportunidade de se relacionar com “semelhantes”, compartilhar as angustias e dúvidas da vida. Essas relações consistiam em “vínculos secundários”⁵ ou, muitas vezes, simplesmente desejos sexuais.

Após décadas de luta podemos notar algumas indicações concretas da nova fase de exposição dos grupos homossexuais, mesmo que a discriminação sexual resista, há sinais de que a luta contra o preconceito atravessa uma fase de transformação significativa. Em vez de manter o confinamento como técnica de defesa, os homossexuais começam a se expor, a se exhibir, a emergir.

De acordo com o artigo de Antunes (2003), um *site* voltado ao público homossexual, descreve que em 1995 havia quarenta endereços GLS⁶ em São Paulo, grande parte deles no centro velho chamado boca-do-lixo, região decadente da cidade onde se concentra a baixa prostituição. Hoje há 180 locais, vários deles situados em bairros super valorizados da capital paulista. O *site* lista os endereços declaradamente homossexuais. Não contabiliza a infinidade de estabelecimentos que recebem com hospitalidade os casais homossexuais sem que possam ser chamados de estabelecimentos "temáticos". São Paulo vem sendo classificada por muitos, como referência dos homossexuais. Muitos estabelecimentos comerciais mudaram seus conceitos e investiram para atrair o público homossexual, que tem bom poder aquisitivo, além do crescimento em número de restaurante, bares e boates que passaram a ser identificados na porta com a bandeirinha do arco-íris, são também freqüentados livremente por heterossexuais. Uma forte indicação de mudança de atitude dos homossexuais determina-se em São Paulo, na *Parada do Orgulho Gay* que em 1997, a primeira passeata reuniu apenas 2.000 pessoas,

⁵ Ver Campos e Martins p.104, (2006)

⁶ Sigla para Gays, Lésbicas e Simpatizantes

porém em 2002 reuniu mais de 500.000 pessoas. No ranking mundial, a *Parada do Orgulho Gay* de São Paulo tornou-se o segundo maior evento homossexual do mundo, atrás apenas da passeata de Nova York. A visibilidade proporcionada no dia do *Orgulho Gay* impulsionou a aceitação da sociedade pelos homossexuais, levando também em consideração a posição social e a capacidade econômica de grande parte dos homossexuais que na maioria das vezes se sobressaem nos cargos adquiridos, no artigo Antunes (2003), explica a maior visibilidade e benefícios proporcionados pelo universo homossexual e ela não se materializa apenas nas paradas, no shopping Center, no bar, no restaurante, na fila do cinema, na galeria de arte, na livraria, na boate, os homossexuais parecem estar em toda parte, tudo indica que a comunidade assumida aumentou na mesma proporção em que se reduziu a banda mais reclusa. Como a maior parte dos homossexuais não tem família para criar nem escola de criança para pagar, suas despesas mensais fixas são mais baixas que as dos heterossexuais. Isso aumenta significativamente seu poder de compra, o que os torna bem-vindos nas lojas, agências de viagens, corretoras de imóveis. Esse conforto material produz um estilo de vida diferenciado.

Há poucas décadas atrás a discriminação contínua pela família e pela sociedade a que eram expostos os homossexuais motivavam a esconder sua real identidade, mantendo uma vida dupla, buscando muitas vezes subterfúgios, como namoradas e até mesmo filhos e casamentos, para se adequarem aos padrões. Os pais muitas vezes preferiam ignorar a condição do filho a assumir perante a sociedade, atualmente o panorama se tornou menos hostil aos homossexuais e uma grande vitória foi de ordem legal, mesmo no Brasil, onde a legislação não é das mais avançadas, os gays registram diversas conquistas. Por decisão da Justiça gaúcha, o Instituto Nacional de Seguridade Social, órgão público responsável pelo pagamento das aposentadorias, vem sendo obrigado a custear a pensão a viúvos e viúvas de homossexuais reconhecendo a união estável de casais homossexuais, a vida a dois envolve objetivos comuns, sejam os casais homossexuais ou não. O casamento funciona para todos como uma opção de cura para a solidão e a sensação de vazio dos solteiros. Há outras semelhanças na vida conjugal dos homossexuais e dos heterossexuais, ambos discutem a relação, ambos lutam para evitar que a convivência caia na monotonia que assola a maioria dos casamentos, ambos temem que o parceiro ceda à tentação de trair. A relação estável e monogâmica não é a única forma de convivência entre os sexos, mas está sacramentada como

a mais conveniente entre os heterossexuais. Na comunidade homossexual, essa opção parece estar se concretizando.

Em outros países os homossexuais vêm obtendo muito mais conquista como na Holanda e Bélgica que determinam aos homossexuais que se casam os mesmos direitos dos não homossexuais. No Canadá, as autoridades consideraram inconstitucional a definição de casamento como "união entre homem e mulher". Na França, na Alemanha e em países escandinavos, há estatutos semelhantes ao da união civil estável para casais do mesmo sexo.

Mesmo que em São Paulo não se reconheça os direitos civis de um casal homossexual, os casos de preconceito e manifestações de intransigência, ainda que violentas, em geral são isolados. Até alguns anos atrás, a legislação deixava espaço para que aqueles que desrespeitassem um homossexual não fossem punidos. Atualmente isso é praticamente impossível.

Referencial Bibliográfico

ANTUNES, Camila. "A força do arco-íris." **Veja** - São Paulo, edição 1808, 25 de junho de 2003.

CAMPOS, Paulo. H.; MARTINS, Roberto B. C. Polifonia do Dom. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução de A. Figueiredo; Coordenação e Revisão Científica de J. M. Sobral. 4ª. Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal. 2007.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Org., introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro, Graal. 2000.

STOLLER, Robert. **Masculinidade e feminilidade**: Apresentações de Gênero. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

TREVISAN, João S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia á atualidade. Ed. revisada e ampliada. 7ª. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.